

UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA SOBRE A IDENTIDADE E DIFERENÇA NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL DO PROFESSOR “HOMEM” NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A SYSTEMATIC REVIEW OF LITERATURE ON
IDENTITY AND DIFFERENCE IN THE ERA OF
ARTIFICIAL INTELLIGENCE OF THE “MAN”
TEACHER IN EARLY EARLY EDUCATION

Renan Mota SILVA¹

Vinicius Monteiro BENICIO²

Tiago Pereira VICENTE³

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: renanmota16@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-5855-5418

² Faculdade Estácio do Pará (FAP). Email: vinicius.benicio@estacio.br. ORCID: 0000-0002-9242-9968

³ Marinha do Brasil. Email: escreventevr@gmail.com. ORCID: 0009-0004-0525-4381

RESUMO

A presença da identidade e da diferença na era da inteligência artificial vinculada ao professor homem na educação infantil, é crucial para a compreensão das práticas pedagógicas e das percepções arraigadas sobre gênero e identidade. O objetivo do artigo é discutir esses conceitos com base em publicações entre os anos 2013 e 2023, por meio da Revisão Sistemática a partir da abordagem qualitativa e descritiva com dados das bases Eric, SciELO e Scopus. Os resultados destacam uma identidade docente vista como uma ameaça à integridade biopsicossocial das crianças. Este estudo preenche uma lacuna na pesquisa ao vincular a identidade e a diferença à diversidade representada pelo professor da Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: educação infantil; identidade e diferença; inteligência artificial.

ABSTRACT

The presence of identity and difference in the era of artificial intelligence linked to male teachers in early childhood education is crucial for understanding pedagogical practices and deep-rooted perceptions about gender and identity. The objective of the article is to discuss these concepts based on publications between 2013 and 2023, through a Systematic Review using a qualitative and descriptive approach with data from the Eric, SciELO and Scopus databases. The results highlight a teaching identity seen as a threat to the biopsychosocial integrity of children. This study fills a gap in research by linking identity and difference to the diversity represented by Early Childhood Education teachers.

KEYWORDS: *early childhood education; identity and difference; artificial intelligence.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Respeitar a diferença não pode significar “deixar que o outro seja como eu sou” ou “deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)”, mas deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixem — que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença da identidade, deixar ser uma outridade que não é outra “relativamente a mim” ou “relativamente ao mesmo”, mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade (Pardo, 1996, p. 154).

A problemática que enseja esta pesquisa é a questão da identidade que, desde a década de 1950, tornou-se comum nas ciências sociais, época na qual suscitaram os questionamentos desta, enquanto um princípio de unidade não contraditória (Lopes, 2002). Com base nessa breve exposição, destaca-se que, foi apenas no início da década de 1970 que passou a ser associada ao conceito de diferença. Assim, identidade e diferença encontraram, na Europa e nos Estados Unidos da época, a gênese de sua interrelação (Pires, 2002) e tornaram-se um instrumento de filósofos, sociólogos e pesquisadores das mais diversas áreas, os quais, motivados pelo aprofundamento nas complexidades e ambiguidades circunscritas nas realidades que investigavam, utilizaram esses conceitos como bases analíticas. Desse modo, promoveram ao longo do século XX uma série de avanços e expressões, ligados fundamentalmente aos vieses marxista, psicanalista, pós-crítico e pós-estruturalista (Amaral; Buriti, 2006; Hall, 2012).

As análises propostas no artigo serão enriquecidas com as perspectivas da compressão acerca da Era da Inteligência Artificial, onde a interconexão global é uma realidade inegável, com plataformas de comunicação instantânea e acesso ilimitado à informação, onde educadores podem compartilhar suas experiências, desafios e estratégias para lidar com as demandas de uma sociedade cada vez mais diversificada. No entanto, é importante reconhecer que a presença digital também contribui para ampliar as desigualdades existentes, a exemplo das questões do acesso à tecnologia e da alfabetização digital que, por vezes, acabam por excluir certos grupos de participar plenamente das oportunidades oferecidas.

No âmbito educacional, a temática da identidade e diferença assume uma relevância ainda mais profunda e complexa. Em especial, no que diz respeito à Educação Infantil, onde as crianças são moldadas pelas interações com seus professores, portanto, a discussão sobre identidade e diferença é crucial. Contudo, a representação predominante desse profissional como sendo do sexo masculino ainda é evidente, apesar dos esforços em promover a equidade

de gênero. Nesse contexto, as pesquisas sobre o saber-fazer do professor homem na Educação Infantil ganham destaque, ao questionarem não apenas as práticas pedagógicas, mas também as percepções arraigadas sobre gênero e identidade.

Recentemente, a produção científica brasileira passou a carregar os conceitos de identidade e diferença a partir do multiculturalismo (Moreira; Arbache; Carvalho, 2010), com seus desdobramentos nas investigações sobre relações familiares (Schettini; Amazonas; Dias, 2006), corporeidade trans (Fraga; Hahn, 2019) e adolescentes em conflito com a lei (Lima, 2015). Contudo, estes representam uma mínima parcela, pois os estudos sobre a temática são majoritariamente centralizados no debate educacional e curricular (Tadeu, 2002; Nunes, 2018), ou seja, ainda há muito espaço a ser discutido na escassez que vinculam identidade e diferença a um profissional que, em si, carrega tamanha diversidade e produz um estranhamento coletivo no âmbito da mais várias Ciências Humanas e Sociais.

Nessa mesma linha de raciocínio estão as reflexões de que a análise crítica e reflexiva da identidade e diferença consegue promover novos alcances sobre os impactos da divisão sexual do trabalho engendrada na Educação Infantil. Surge então, a necessidade de se analisar o professor homem nesta persuasão sob este prisma, para evidenciar uma vertente epistemológica deste docente que, até o momento, tem sido precariamente tratada. Logo, ao destacar esta lacuna e colaborar com uma estruturação coesa, o artigo evidenciará novos caminhos para espaços outros e conquistas outras.

Tal como exposto por Gonçalves (2009) que, a ausência da figura masculina na Educação Infantil é também um reflexo da mesma lógica, Zanello (2018) ressalta que ao explicar que a noção endossada pelo patriarcado de que as mulheres possuem, intrinsecamente, maiores habilidades para desenvolver o trabalho educativo com crianças de 0 a 5 anos culminou não só na exclusão masculina, como também no estranhamento, preconceito e estigma associado ao homem. Passou-se a representar uma diversidade ao romper com o status quo e se inserir profissionalmente em um contexto majoritariamente feminino (Sayão, 2002).

Para desenhar o percurso de análise, é perceptível que, ao ampliar o debate sobre trajetórias de professores homens na Educação Infantil com vistas às memórias, (re)existências, identidades e diferenças, representa avanços sistêmicos na compreensão da identidade profissional destes docentes. A partir da visão de Giffin (2005), isso se deve à evolução das teorias feministas, que, em um paradigma anterior ao século XX, consideravam os homens como aprioristicamente beneficiados pela dominação masculina. Entretanto, essa concepção foi superada pelo conceito de “masculinidades”, quando foram destacados os prejuízos e opressões de ordem intra, inter e extra subjetivas advindos do patriarcado, seja para homens que se

desviavam de uma norma-padrão, seja para mulheres de modo a permitir questionamentos sobre estas modelagens hierárquicas e dicotômicas nesta atividade laboral.

Para dialogar com essas questões, entende-se ser necessário entender as contribuições de Tadeu (2016), pois possibilita discutir identidade à partir da lógica da diferença, nos arcabouços simbólico e social dos indivíduos, aqui, especificamente este professor homem que exerce sua prática profissional na Educação Infantil. À esteira do que propõe o autor, tem-se a assertividade de entendimento que, a caracterização dos indivíduos na sociedade é a diferença e não as similaridades. Apoiando-se nesses estudos, Hall (2008, p. 109) ressalta:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma identidade em seu significado tradicional – isto é, uma “mesmidade” que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.

Propor a compreensão sobre identidade e diferença em espaços escolares da Educação Infantil é subjetivar o respeito pelo afeto e a escolha profissional. Parte-se do pressuposto de que essas reflexões são necessárias para que a Escola seja *lócus* para o progresso das distintas opiniões e para a transmissão de saberes que muito enveredam para entendimentos outros das relações entre homens e mulheres (Louro, 1997). A inserção com permanência de professores homens na Educação Infantil representará aberturas de espaços em direção às multiplicidades do conhecimento processual nesse campo de atuação escolar.

Tal constatação sugere incluir na análise aspectos qualitativos relativos ao Projeto Starting Strong Network desenvolvido pela Organização para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) que tem como arcabouço central “desenvolver e melhorar a qualidade dos serviços educativos para a infância em benefício do desenvolvimento e aprendizagem das crianças” (OCDE, 2006). No dia a dia da Educação Infantil, a cristalização dos papéis masculino e feminino leva à categorização e hierarquização de diferentes práticas, que criam diferenças entre comportamentos considerados “anormais” e “normais” para a sociedade. Para dialogar com essas questões, entende-se ser necessário, elucidar sobre os dez capítulos, com ênfase no capítulo sete, que versa sobre a “Formação e condições de trabalhos adequados para o pessoal de educação e atenção pré-escolar”, cuja análise tem foco tanto nos níveis de formação, quanto à diversidade na profissão.

Nessa mesma linha de raciocínio estão as reflexões de Sousa e Guedes (2016) ao ressaltar que o professor homem na Educação Infantil é estigmatizado como abusador e homossexual. Criam-se vários estereótipos a respeito dos homens e das mulheres e, no que tange à docência, este esquema categórico reproduz separação por manifestar a realidade excludente para os homens que na escolha profissional optam por ser professores na Educação Infantil. Isto posto, faz-se necessário o enfrentamento, por exemplo, ao projeto de Lei n.º 1.174/2019 no estado de São Paulo que “confere às professoras do sexo feminino exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na Educação Infantil” atualmente com parecer favorável da Comissão de Educação e Cultura daquele estado.

Discussões teóricas sobre o Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil realizado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) esclarece que “as características da violência contra crianças de 0 a 9 anos, apontam para a prevalência da violência doméstica: tanto as mortes violentas quanto os estupros ocorrem majoritariamente em casa, e têm autores conhecidos.” (UNICEF, 2021, p. 10). Em relação ao quadro, é possível observar que não é a escola este lugar de violência infantil.

É diante desta complexa questão que o artigo direciona o olhar para os professores homens com *práxis* pedagógica de atuação na Educação Infantil, com recorte temporal especificamente na Era da Inteligência Artificial nos últimos onze anos, com objetivo epistemológico, na ótica dos desafios de compreender as (re)existências na construção da identidade na formação e atuação do professor homem no contexto educacional brasileiro.

A partir de pesquisas que tratam sobre a análise crítica e reflexiva da identidade e diferença, entende-se que elas têm o poder de promover novos alcances sobre os impactos da divisão sexual do trabalho engendrada na Educação Infantil, surge a necessidade de se analisar o homem pedagogo sob esse prisma. Enquanto parte desse esforço, questionou-se: como a literatura brasileira aborda a identidade e diferença na realidade do professor homem na Educação Infantil, especificamente com visão na Era da Inteligência Artificial?

Em resumo, considera-se pertinente dizer que este artigo objetivou tecer considerações sobre os conceitos de identidade e diferença associados aos professores homens na Educação Infantil a partir do panorama das publicações nacionais e internacionais que partem desta perspectiva inovadora e revolucionária. Assim sendo, entende-se que o modo como essas ideias são delineadas, é justificada por evidenciar uma vertente epistemológica da masculinidade na docência em Educação Infantil que, até o momento, tem sido precariamente tratada, logo, ao destacar tal lacuna e colaborar com uma estruturação coesa e sintética, fornece subsídios para novas pesquisas.

IDENTIDADE E DIFERENÇA NA EDUCAÇÃO

O tema da identidade e da diferença “tem a ver com a relação entre o eu e o outro, seja dentro do mesmo grupo, seja entre diferentes grupos” (Rouanet, 1994, p. 80). Também, em se tratando do assunto, Tadeu (2002) assevera que as discussões educacionais atuais tornaram a questão da identidade e diferença central no âmbito da pedagogia educacional crítica. A partir da visão de Oliveira (2016), reitera-se que esse processo tem se direcionado principalmente para a compreensão das identidades culturais, a partir de um viés multiculturalista, de modo a alcançar as relações de poder entre pessoas e grupos nas tramas políticas e éticas. Contudo, pode-se dizer que esse movimento, não se pode dizer que é recente o olhar para os atravessamentos dos aspectos identitários no contexto educacional, mas sobretudo, que este acontecia a partir de uma lógica monocultural e etnocêntrica, que, impregnada nas políticas educacionais e currículos escolares de modo explícito e implícito, passou a ser questionada no paradigma pós-estruturalista (Candau, 2008).

Para dialogar com essas questões, entende-se ser necessário abarcar o multiculturalismo, as quais investigações contemporâneas em educação passaram a ampliar o escopo de análise e enfatizar o reconhecimento da diferença para garantir a expressão da diversidade de identidades culturais presentes no contexto para construir espaços para a (re)existência de indivíduos, com seus costumes, linguagens e símbolos (Candau, 2008). Como resultado, houve uma abertura para diversas problematizações das dinâmicas inter-relacionais tecidas no contexto escolar e a instauração de novos fazeres pedagógicos.

Em consonância com a literatura, Nunes (2016) evidencia que, apesar dessa abertura, ou seja, da aceitação e presença das construções teóricas, metodológicas e técnicas pautadas na identidade e diferença nas escolas, estas representam um perigo, uma ameaça ao status quo, pois em si são desestabilizadoras de leituras sociais e dinâmicas relacionais já solidificadas. Por solidificadas, pode-se entender a partir do exposto por Tadeu (2002). Sob essa ótica, essas dinâmicas são frutos da eleição de uma identidade como um modelo a ser seguido, advindo da hierarquização, classificação, julgamento e avaliação da identidade elegida como mais importante e valorizável diante das outras, gerando relações de poder e suas respectivas assimetrias e opressões. Logo, é razoável dizer que a presença da identidade e diferença no debate educacional não está isenta de processos conflituosos, principalmente quando o foco já se traduz no exercício do professor homem na Educação Infantil.

A partir do desenho contextual por ora apresentado, cabe destacar os conceitos de identidade e diferença. A começar pela identidade, Nunes (2016, p. 34) vale-se da explicação

de Tadeu (2002) ao apontar que é comum entendermos que “a identidade é sempre uma responsabilidade do próprio sujeito, que deverá manter-se fiel às normas socialmente aceitas em sua comunidade”. Isso significa que nos convencemos de que se trata de algo autônomo, natural e independente, cuja referência está em sua própria existência, ou seja, meramente naquilo que se é. Na definição literal da palavra, Ferreira (2014) traz em si que identidade é “[...] conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado civil, profissão, sexo, defeitos físicos, impressões digitais, etc. [...]”. Porém, é subentendido que, apesar do grau de definição, por se tratar de um termo com amplitude subjetiva, a definição não abarca o indivíduo em sua totalidade, seja ela biológica, política, psíquica ou social, por exemplo.

No entanto, essa concepção é errônea enquanto se considere que a identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente, tampouco definitiva, acabada e homogênea (Tadeu, 2002). Portanto, nesta, é razoável concebê-la enquanto uma produção, um processo, uma construção que em si é instável, contraditória, inacabada e vinculada aos sistemas de representação.

A compreensão de que a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. Identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente, tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. Identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada, está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação, tem estreitas conexões com relações de poder (Tadeu, 2002, p. 96 - 97). Nesta presunção, Hall (2012) endossa o conceito ao afirmar que não existe uma única identidade, mas várias, dotadas de contradição e situações não resolvidas, há, portanto, sujeitos em constante processo de resignificação de si e do mundo, pois entender a identidade a partir da noção de completude, segurança e coerência é fantasiar.

Em função do que precede a literatura, Rutherford (1990, p. 20), em um viés crítico-reflexivo de base pós-estruturalista, afirma que “a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação”. Feitas essas observações, baseado na obra de Nunes (2016), pensar no professor homem na Educação Infantil, faz refletir em identidade implicada em questionar o processo de normalização, os quais são uma manifestação sutil das relações de poder, em outras palavras, o autor entende que pensar nas identidades é um convite para pensar nas diferenças. Pois, as diferenças correspondem à negação das características do modelo hegemônico de identidade, logo, é

tangível concluir que estes conceitos não só são interdependentes, como também se influenciam mutuamente a partir das transformações do mundo.

À luz das argumentações, no que tange à diferença, Woodward (2002) define-a enquanto aquilo que distingue uma identidade da outra, trata-se de uma oposição entre “nós e eles”. No mesmo sentido, Hall (2008) entende que a diferença pode ser colocada em duas perspectivas, a primeira de cunho negativo, por meio da marginalização das pessoas que se distanciam da norma da identidade, sendo estes os “forasteiros”, ou “outros”, nesse caso, instaura-se uma relação com a diferença sintetizada no exposto por Ferrari (2006, p. 6):

O terror e a negação apresentam-se como frequentes. [...] o desenvolvimento de atitudes hostis diante de determinado objeto, ao mesmo tempo em que responde a conteúdos psíquicos específicos do preconceituoso, se alimenta tanto dos afetos presentes no indivíduo como também dos estereótipos vindos da cultura na qual este se encontra.

Diante do exposto, a segunda perspectiva tem relação com a celebração da diferença enquanto fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, é tratá-la como enriquecedora para si, para o outro e para o mundo (Hall, 2012). De todo modo, independentemente da ótica na qual é contemplada, a diferença é central para a existência de sistemas classificatórios, produtores de sentidos e significados, responsáveis pelo ordenamento da vida social. Entendendo a diferença nesse viés, Veiga-Neto (2004) expressa a posição do sujeito diante da complexidade e ambiguidade presente na questão da diferença. Na compreensão do autor, é comum sentirmo-nos perturbados com tanta diferença, indignados perante a desigualdade e perplexos com a dificuldade de lidarmos com a densidade contida nas relações entre identidade e diferença.

O PROFESSOR “HOMEM” NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Na Era da Inteligência Artificial, a presença do professor “homem” na Educação Infantil representa um ponto de reflexão crucial. Em um cenário onde a tecnologia desempenha um papel cada vez mais proeminente na educação, a interação entre os educadores e as crianças, especificamente as de 0 a 5 anos, ganha novas nuances e desafios. O desenvolvimento em Inteligência Artificial também direcionou a maneira como as crianças aprendem e os professores ensinam. Em vez de serem substituídos por *softwares*, professores nesta fase de

desenvolvimento humano buscam prover estabilidade e diversidade para a experiência de aprendizado. Os estudos sobre o gênero e docência na Educação Infantil se originam na perspectiva da feminização do magistério, dada a centralidade das mulheres cisgênero na profissão. Para discorrer sobre o assunto, pesquisadores das mais diversas áreas visavam não só compreender os motivos que culminavam na evidente divisão sexual deste trabalho, como também se propuseram a analisar as dinâmicas de prazer e sofrimento que as mulheres enfrentavam nesse contexto, a considerar o desprestígio, a sobrecarga de atividades e remuneração precária enquanto partes da cotidianidade da carreira (Vianna, 2002; Baliscei; Saito, 2021).

O embasamento teórico da pesquisa se pauta nos trabalhos desenvolvidos por Tatagiba (2008), ao explicar sobre a hegemonia de educadoras, aponta haver uma herança do *modus operandi* das primeiras instituições de Educação Infantil ainda em evidência. Em suas reflexões, a Educação Infantil não foi idealizada a partir de um modelo profissional, mas doméstico, significa que o atendimento às crianças era realizado por duas ou três mulheres e consistia na limpeza do local, no preparo de alimentos e no suprir das necessidades que porventura surgiam.

Pelo fato destas práticas estarem circunscritas no que Zanello (2018, p.149) denominou como dispositivo materno, ou seja, em uma construção social pautada na “naturalização da capacidade de cuidar, decorrente da mescla entre a capacidade de procriação e a maternagem, bem como seus desdobramentos”, entende-se que a vinculação entre a Educação Infantil e a figura da mulher cisgênero é decorrente da estrutura patriarcal, que reduz tais indivíduos à capacidade reprodutiva e a esfera dos cuidados com o lar e a prole.

A análise dos exemplos apresentados comprova as conclusões de que a ausência da figura masculina na Educação Infantil é também um reflexo da mesma lógica. Mediante a apresentação desses exemplos, é importante analisar o que pontua Gonçalves (2009) corroborando com Zanello (2018) ao explicar que a noção endossada pelo patriarcado de que as mulheres possuem, intrinsecamente, maiores habilidades para desenvolver o trabalho educativo com crianças de 0 a 5 anos culminou não só na exclusão masculina, como também no estranhamento, preconceito e estigma associado ao homem que passou a representar uma diversidade ao romper com o status quo e se inserir profissionalmente em um contexto majoritariamente feminino (Sayão, 2002).

A exposição dos exemplos elencados acima mostra que, ao ampliar o debate — mesmo na Era da Inteligência Artificial — haja vista o aporte teórico ser multidimensional em contraponto aos estigmas sociais sobre as trajetórias de professores homens na Educação Infantil com vistas às memórias, (re)existências, identidades e diferenças representa avanços

sistêmicos na compreensão da identidade profissional destes docentes. As considerações realizadas por Giffin (2005) refletem a evolução das teorias feministas, que, em um paradigma anterior ao século XX, consideravam os “homens” como aprioristicamente beneficiados pela dominação masculina. Todavia, essa concepção foi superada pelo conceito de “masculinidades”, quando foram destacados os prejuízos e opressões de ordem intra, inter e extra subjetivas advindos do patriarcado, seja para “homens” que se desviavam de uma norma-padrão, seja para “mulheres” de modo a permitir questionamentos sobre estas modelagens hierárquicas e dicotômicas nesta atividade laboral.

Os estilos propostos por Baliscei e Saito (2021) podem ser considerados basilares ao demonstrar uma série de particularidades ligadas ao professor “homem” na Educação Infantil. Em síntese, a tese defendida por eles, evidenciaram-se preocupações acerca do contato físico com as crianças, dadas as tarefas de banho, troca de roupa/fraldas e acompanhamento ao banheiro, notou-se que esses profissionais, que em si desempenham funções desassociadas de uma representação social da masculinidade hegemônica, por diariamente exercerem cuidados e atividades cotidianas constituídas por afetividade, delicadeza e humanização, representam uma desestabilização dos aspectos negativos da masculinidade tal como é difundida.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Em termos metodológicos, esta pesquisa situa-se no escopo das Ciências Humanas e Sociais. No âmbito metodológico, optou-se por utilizar uma abordagem qualitativa e descritiva da literatura, a partir de uma *Systematic Review*. Por qualitativa, entende-se a pesquisa que parte de uma ótica interpretativa e examinadora do fenômeno estudado, que está ligada a perspectiva subjetiva e intersubjetiva das interações humanas, nela, são considerados os valores, crenças, culturas, aspectos éticos e coordenadas históricas (Minayo, 2008; Silva; Castro-Silva; Moura, 2018). Em sua forma descritiva, exige que o pesquisador apresente de modo coeso e linear os dados da realidade investigada (Triviños, 1987).

Sob o prisma metodológico, a construção da revisão de literatura se deu mediante buscas nas bases por meio de uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL), que corresponde ao estudo que se vale, fundamentalmente, de dados secundários, ou seja, aqueles que já passaram pela ordenação, tabulação e coleta, até mesmo já analisados e catalogados (Mattar, 1996). Em relação à finalidade, trata-se de um estudo que torna viável o mapeamento das publicações, a permitir a verificação de como o conjunto de estudos responde à questão de pesquisa (Ercole *et. al*, 2014). Dada a especificidade da temática, foram utilizados artigos científicos publicados

em revistas indexadas em português, inglês e espanhol, com recorte temporal de 2013 a 2023, presentes nas bases de dados Eric, Scopus e SciELO, bem como os não indexados captados por meio da plataforma Google Scholar, estes se fizeram necessários uma vez que artigos relevantes não se encontraram indexados em bases de dados tradicionais.

A pesquisa aplicada foi adotada como finalidade para este estudo, pois, a Revisão Sistemática de Literatura foi baseada nas seguintes questões norteadoras, que serviram como categorias analíticas para os resultados e discussão:

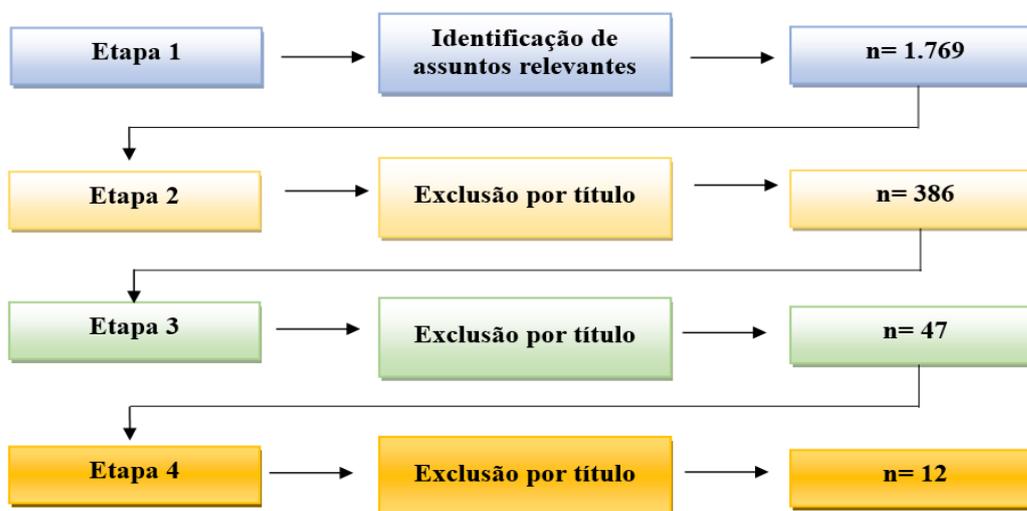
- a) Como é apresentada a identidade do “homem” docente na Educação Infantil? (categoria: identidade docente);
- b) Como é tratada a questão da diferença? (categoria: diversidade docente); e
- c) Quais são as estratégias desenvolvidas pelos professores “homens” na Educação Infantil para lidar com os desafios advindos da identidade e diferença em seu trabalho na Era da Inteligência Artificial? (categoria: estratégias de sobrevivência organizacional)

Os descritores utilizados para a realização das buscas foram:

- a1) professor homem e educação infantil;
- b1) masculinidade e educação infantil; e
- c1) identidade docente e educação infantil.

Em termos práticos, a amostra foi selecionada conforme apresentado na Figura 1, como síntese do processo de filtragens sucessivas da presente Revisão Sistemática de Literatura, inspirada por Carvalho e Parreiras (2010).

Figura 1 - Processo de seleção de estudos



Fonte: Adaptado de Carvalho e Parreiras (2010).

Para a constituição do *corpus*, na primeira etapa, foram utilizadas como parâmetro as combinações de palavras-chave, que serviram de base para a identificação dos estudos relevantes, resultando em 1.769 publicações referentes aos últimos onze anos. Sequencialmente, foram aplicados os critérios de exclusão (Etapas 2 e 3) conforme a recomendação de Carvalho e Parreiras (2010), ou seja, por títulos, resumo e ausência da temática central e norteadora do artigo, restando 47 artigos. Em seguida, foi realizada a avaliação crítica baseada na leitura integral, amparada pela premissa de que seriam utilizados apenas os que apresentassem o tema central diretamente, não apenas fazendo breves menções. Com a leitura do resumo desses artigos, apenas 12 atenderam às especificidades deste estudo, os quais foram investigados a partir das categorias:

- I) identidade docente;
- II) diversidade docente; e
- III) estratégias de sobrevivência organizacional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A começar pelo período analisado, resultou-se que a temática se manteve em evidência nos últimos onze anos, havendo uma maior presença em 2020, pois sete das doze publicações analisadas corresponderam a esse ano. Isso demonstra o exposto por Moreira, Arbache e Carvalho (2010), ao pontuarem que a pesquisa nacional evoluiu no âmbito do estudo sobre identidade e diferença. O diálogo estabelecido entre Souza, Campos e Carvalho (2022) destaca os contínuos avanços na compreensão da identidade docente a partir da questão de gênero no país, movimento reafirmado nos achados supracitados.

Outro aspecto presente na materialidade em análise se refere aos títulos das publicações, foi notável a recorrência dos termos “identidade”, “homem”, “educação infantil”, vinculados a “construção”, “gênero”, “debate”, “refletindo”, expressando, semântica e sintaticamente, uma relação entre o conceito de identidade enquanto algo não estático, mas fluido, associado a construção e descontinuidade, a limites e possibilidades, o que em si dialoga com as considerações pós-estruturalistas sobre a identidade (Tadeu, 2012). Por conta disso, é indiscutível dizer que, ao destacar a instabilidade e ausência de rigidez no referido conceito, a pesquisa sobre multiculturalismo na educação avança a partir de um paradigma revolucionário e inovador.

Diante disso, volta-se o olhar para a primeira categoria, ou seja, Identidade Docente, onde os achados apontam que a identidade dos docentes é constantemente questionada, tida como estranha, alvo de desconfiança e de medo. Esses profissionais são vistos como uma ameaça, seja para a integridade biopsicossocial das crianças de 0 a 5 anos, seja para a rígida estrutura da divisão sexual do trabalho. Dessa forma, o corpo experimental resultou em uma recorrente associação do professor “homem” à pedofilia, bem como a questionamentos sobre a orientação sexual. Isto posto, relatos voltados para o incômodo, preconceito e desconforto ilustram a condição desse “homem” na Educação Infantil, o que vai de encontro a uma representação social estereotipada, estigmatizada e pejorativa, bem pontuada por Sayão (2002) e Baliscai e Saito (2021).

No que diz respeito a segunda categoria, ou seja, sobre como é tratada a questão da diferença na identidade do “homem” na Educação Infantil, esta foi majoritariamente expressa pela própria fala dos docentes que participaram dos estudos, os quais pontuaram vivências como exclusão pela equipe de trabalho, falta de reconhecimento das competências profissionais, o que os conduzia a demonstrar constantemente as suas habilidades e o nível de confiabilidade, incidência de conflitos com a equipe de trabalho e as famílias das crianças por conta da questão de gênero, autovigilância e vigilância externa. Esses achados vão ao encontro ao fato de que as diferenças foram tratadas a partir da perspectiva negativa pontuada por Ferrari (2006), ou seja, de que há um processo de marginalização pelo fato de distanciarem-se da norma, pelo fato de não serem “mulheres”, são vistos como “forasteiros”, alvos de hostilidade. Os resultados obtidos estão em concordância com as expectativas iniciais, conforme será apresentado na Tabela 1 a síntese dos resultados.

Ainda sobre a segunda categoria, um achado particular há de ser pontuado. Este foi evidenciado na maioria dos estudos analisados: o impedimento na execução de tarefas ligadas ao contato físico com a criança. Ocorre que a questão dos cuidados com o corpo da criança, dada a necessária higienização, foram expressamente atribuídos apenas as professoras “mulheres” cisgênero, corroborando para uma delimitação de práticas, as quais, mesmo obtendo a mesma formação, se mostraram diferentes para “homens” e “mulheres”.

Desse modo, é razoável concordar com o exposto por Baliscai e Saito (2021), de que os valores culturais pesam mais que a formação docente. Em outras palavras, apesar de a inserção do “homem” na Educação Infantil contar com certo grau de “tolerância”, há espaços próprios de sua *práxis* que são por vezes explicitamente, por vezes implicitamente proibidos, na dimensão do corpo, a divisão sexual do trabalho ganha maior evidência.

Na esteira das considerações e com relação a terceira categoria, ou seja, a que se refere

as estratégias de sobrevivência organizacional, os achados apontam para uma pluralidade de caminhos, entre os quais o investimento na formação continuada, a demonstração de confiabilidade por meio de atitudes e comportamentos, autopolicimento, fomento ao diálogo e oferecer provas recorrentes de idoneidade.

O que todos esses pontos têm em comum é o esforço docente para além do diploma, o esforço de desvincular-se de um estigma presente em seu cotidiano, o esforço de mostrar para o outro e para si uma identidade favorável ao contexto educacional infantil. Esse esforço é sintetizado por Silva; Vasconcelos e Pinheiro (2022), ao apontarem que é necessário que esses professores atuem para além do domínio teórico próprio de suas profissões, que sejam dinâmicos, versáteis e que, sobretudo, invistam na sensibilidade e na boa relação com os alunos. A Tabela 1 corresponde à síntese dos resultados a partir da exposição das categorias utilizadas na presente revisão sistemática.

Tabela 1 - Síntese dos Resultados

Id.	Ano	Título	Categoria 1	Categoria 2	Categoria 3
1	2020	Em busca de identidade: educação infantil é lugar de homem?	Questionamentos sobre a orientação sexual docente, estranhamento.	Diferenças ao exercer tarefas de cuidados higiênicos.	Ter consciência de que é diverso, realizar um planejamento pedagógico de qualidade.
2	2013	Professor homem na educação infantil: construção de uma identidade.	A Estranhamento, desconfiância	Diferenças na exclusão pela equipe e no trabalho realizado, necessidade de reafirmação do profissionalismo.	Ignorar o preconceito, mediar conflitos, passar confiança para pais e equipe de trabalho, “impor” respeito, ter cautela nos gestos afetivos.
3	2016	“Tem um homem na minha creche”: a questão de gênero na Produção científica e a construção da identidade Profissional da docência na educação infantil”.	Ameaçadora, questionamentos sobre a orientação sexual, associado ao feminino.	Diferenças na incidência de conflitos, que se mostraram mais evidentes, privação de realização de tarefas, julgamentos de responsáveis e equipe de trabalho.	Ter mais atitudes masculinizadas, buscar ser liderança, manejo comunicacional, policiamento constante, impor limites no campo das brincadeiras e afetividades com os alunos.
4	2020	“Enfrentei muitas tempestades como professor de Educação Infantil”. Um debate sobre identidade docente e homossexualidade.	Preconceito, desprezo, desconfiância, julgamentos e homofobia.	Diferenças nas tarefas executadas por homens e Mulheres, incidência de conflitos.	Necessidade de demonstrar constantemente as competências profissionais.
5	2015	Professor homem na educação infantil: o olhar de acadêmicos e alunos egressos do curso de Pedagogia.	Preconceito, surpresa e estranhamento.	Diferenças na colocação no mercado de trabalho, nas tarefas executadas, falta de aceitação pela equipe de trabalho e por familiares das crianças.	Necessária inteligência emocional, paciência e cuidados redobrados diante do contato físico com as crianças.

6	2019	O pedagogo e as questões de gênero e identidade na educação infantil	Identidade masculina como deslocada desse contexto, dada a feminilização da profissão.	Diferenças no modo de mediar as relações entre a criança e o ambiente.	Aprimorar estratégias pedagógicas, buscar a construção de experiências respeitadas e democráticas diante da questão de gênero.
7	2020	“Eu acho estranho!” Compreensões da presença de profissionais homens em contextos interculturais da Educação Infantil.	Estranhamento, associação à pedofilia, receio, preconceito e desconforto.	Diferenças na execução de tarefas de contato físico com as crianças.	Necessidade da união da categoria profissional.
8	2020	Homens na Educação Infantil propostas educativas açucaradas? Questões de gênero na educação da pequena infância.	Estranhamento, desconfiança, incômodo e associação à pedofilia.	Diferenças na realização de atividades relacionadas aos cuidados corporais com a criança.	Constantemente oferecer provas de idoneidade, competência e habilidades, bem como de uma sexualidade que não ofereça riscos para as crianças.
9	2020	A presença masculina de professores de Educação Física na Educação Infantil: da inserção à gestão escolar.	Desconfiança, desconforto, preconceito.	Diferenças no nível do engajamento pedagógico, pois devem se esforçar para demonstrar confiabilidade, conflitos com mulheres que reproduzem o machismo estrutural.	Ocupar mais espaços na primeira etapa da educação básica a partir da demonstração de atribuições intelectuais e técnicas.
10	2020	Professores homens da Educação Infantil narrativas e (des)encontros entre corpos, brincadeiras e cuidados.	Resistências para adentrar no contexto de trabalho, preconceito, discriminação, desconfiança e julgamento.	Diferenças por ter que estar o tempo todo provando as competências, habilidades e capacidades, impedimento de cuidar da higiene das crianças.	Desenvolver competências para ganhar mais confiança.
11	2020	“Vai ser um professor?!” estranhamentos perante a figura do professor do sexo masculino na Educação Infantil.	Insegurança, medo, inadequação, associação à pedofilia, desconfiança, suspeitas quanto à orientação sexual.	Impedimento em realizar as mesmas funções de uma professora mulher, perseguições no trabalho, alto nível de expectativa de colegas de trabalho, autovigilância.	Necessidade de fomentar a valorização profissional e reivindicar melhores condições de formação e trabalho.
12	2016	O professor homem na educação infantil: refletindo sobre gênero.	Estranhamento, associação a homossexualidade, preconceito, associação à pedofilia.	Impedimento de desenvolver plenamente as capacidades pedagógicas.	Resiliência diante das lutas constantes e novos desafios.

Fonte- Elaborada pelos autores.

Indo além do que afirmou Sayão (2002), há um longo caminho para a descontinuidade desse estigma social, devido à estrutura machista e patriarcal. Considerando este postulado, ainda há de ser percorrido não só pelos profissionais “homens” da Educação Infantil, como também por todos àqueles pesquisadores, professoras, famílias e comunidade escolar que, porventura, estão dispostos a se beneficiar dos conhecimentos, competências e habilidades dos “homens” nesse contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática central deste artigo levou a uma discussão em torno da análise sobre a identidade e diferença na Era da Inteligência Artificial na atuação profissional do professor “homem” na Educação Infantil a partir de uma Revisão Sistemática da Literatura, com vistas a descrever como a literatura brasileira aborda a identidade e diferença na realidade do homem pedagogo. O envolvimento com a temática vislumbrou tecer considerações sobre os conceitos de identidade e diferença associados a estes profissionais, a partir do panorama de publicações nacionais e internacionais entre os anos de 2013 e 2023.

Por meio das análises realizadas neste trabalho, pôde-se observar que, a partir dos resultados evidenciados e discussão traçada, ficou evidente que nos últimos onze anos a temática tem sido recorrente, especialmente em 2020, com veemente abordagem a partir do paradigma pós-estruturalista e pós-crítico no âmbito da educação, o que em si é um movimento revolucionário e inovador. Há, portanto, um avanço da pesquisa para além de estruturas fixas e rígidas nos conceitos de identidade e diferença. Foi perceptível que a literatura abordou identidade e diferença a partir da vivência dos “homens” docentes na Educação Infantil.

O objeto de análise tomou como mote a discussão em torno do campo da identidade, cujos principais atravessamentos foram de caráter pejorativo e estigmatizante, pois eram vistos como ameaça, perigo, promotores de desconfortos, desconfianças e atitudes preconceituosas. No campo da diferença, estas foram traduzidas por gestos como isolamento de atividades ligadas aos cuidados higiênicos das crianças, potencialização de conflitos com a equipe de trabalho e familiares. Frente à discussão empreendida aqui, pôde-se constatar que, acerca das estratégias de enfrentamento, a literatura evidenciou diversas atitudes utilizadas por esses profissionais para manterem-se no ambiente de trabalho, estas voltadas para aspectos intelectuais, relacionais e existenciais.

Ao relacionar os conceitos com a análise, entende-se que, a principal contribuição do artigo reside na vinculação da temática da identidade e diferença ao professor “” na Educação Infantil, pois, apesar de ambos os assuntos estarem presentes na literatura nacional e internacional, a associação destes é precária, havendo, portanto, uma lacuna de pesquisa, a qual foi abordada no presente manuscrito. Sobre esse processo, considerou-se que o objetivo do estudo foi atingido a partir das respostas adquiridas na revisão sistemática proposta.

É imprescindível ressaltar que as limitações advêm do tamanho do *corpus* analisado, bem como do caráter não conclusivo e empiricamente comprovado do estudo. Frente a essas proposições, elucida-se que este configura-se como um ponto de partida para futuras

investigações, a somar no avanço do conhecimento teórico da relação entre “homem” na Educação Infantil e identidade e diferença na ótica pós-estruturalista. Não obstante, é imprescindível demarcar que, sugere-se que mais pesquisas sejam realizadas sobre identidade e diferença no trabalho de “homens” na Educação Infantil, principalmente com o recorte temporal voltado para a Era da Inteligência Artificial, buscando incorporar elementos associados as tecnologias de gênero, métodos síncronos e assíncronos, dinâmicas de prazer e sofrimento traçadas no contexto de trabalho.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aécio.; BURITY, Joanildo. **Inclusão social, identidade e diferença: perspectivas pós-estruturalistas de análise social**. Annablume, 2006.

BALISCEI, João Paulo; SAITO, Heloisa Toshie Irie. Há um homem na educação infantil! masculinidades e ações pedagógicas de cuidados e educação de crianças. **Revista Gênero**, v. 21, n. 2, p. 296-320, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/49993>. Acesso em: 1 jun. 2023.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13 n. 37. p. 12-23, 2008. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/v13n37/v13n37a05.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2023.

CARVALHO, Luciana Guimarães; PARREIRAS, Fernando Silva. Adoção de Software de Código Aberto: Uma Revisão Sistemática da Literatura. In: **Simpósio Brasileiro De Sistemas de Informação (Sbsi)**, 2014, Londrina. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2014. p. 518-529. Disponível em: <https://doi.org/10.5753/sbsi.2014.6141>. Acesso em: 13 mai. 2022.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Reme: Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 09-11, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/remede/article/download/50174/41438>. Acesso em: 1 fev. 2023.

FERRARI, Marian. O papel da diferença na construção da identidade. **Boletim de psicologia**, v. 56, n. 124, p. 1-8, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000100002. Acesso em: 12 mar. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Aurélio: O dicionário da língua portuguesa**. Editora Positivo, 2014.

FRAGA, Leiria Fraga; HAHN, Noli Bernard. Identidade e diferença sob a perspectiva dos corpos trans: possibilidades para uma sociedade plural. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Processo Coletivo e Cidadania**. 2019. p. 949-965. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/cbpcc/article/view/1601>. Acesso em: 12 mar. 2023.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, p. 47-57, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100011>. Acesso em: 13 ago. 2023.

GONÇALVES, Josiane Peres. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério**. 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2661/1/000412611-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2023.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: TADEU, T. T. (Org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** Vozes, 2008.

LIMA, Flora Fernandes. O medo do outro: Identidade e diferença na construção de representações culturais de adolescentes em conflito com a lei. In: **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2454-1.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2023.

LOPES, José Rogério. Os caminhos da identidade nas ciências sociais e suas metamorfoses na psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 7-27, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822002000100002>. Acesso em: 1 jun. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Atlas, 1996.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa Social: Teoria, Método, Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; ARBACHE, Ana Paula; CARVALHO, Merise dos Santos. Currículo, identidade e diferença: Embates na escola e na formação docente. **Trevo**, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <https://seer.ucp.br/seer/index.php/trevo/article/view/76/64>. Acesso em: 1 fev. 2024.

NUNES, Hugo César Bueno. **O JOGO DA IDENTIDADE E DIFERENÇA NO CURRÍCULO CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07112018-141650/en.php>. Acesso em: 1 jun. 2023.

NUNES, Mário Luiz Ferrari. Afinal, o que queremos dizer com a expressão “diferença”? In.: NEIRA, Marcos Garcia.; NUNES, Mário Luiz Ferrari. (Org.). **Educação Física Cultural: por uma pedagogia da(s) diferença(s)**. Curitiba: CRV, 2016.

OECD. Starting strong II: Early Childhood Education and Care, Paris: **OCDE Publishing**, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/9789264035461-en>. Acesso em: 21 ago. 2022.

OLIVEIRA, Damião Bezerra. Filosofia, educação e a questão de identidade e diferença. **Margens**, v. 2, n. 3, p. 101-121, 2016. Disponível em:

<http://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/3014>. Acesso em: 1 jun. 2023.

PARDO, José Luis. El sujeto inevitable. *In*: CRUZ, Manuel (org.). *Tiempo de subjetividad*. Barcelona, **Paidós**, 1996, p. 133-154. Disponível em:
<https://revistes.uab.es/enrahonar/article/download/v15-lopez/831>. Acesso em: 18 set. 2022.

PIRES, Vera Lúcia. Questões sobre identidade e diferença: tensão entre o mesmo e o outro. **Fragmentum**, n. 3, p. 11-30, 2002. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/download/6337/3832>. Acesso em: 1 jun. 2023.

ROUANET, Sérgio Paulo. Identidade e diferença: uma tipologia. **Sociedade e Estado**, v. 9, n. 01 e 02, p. 80-84, 1994. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/download/43837/33520>. Acesso em: 1 jun. 2023.

RUTHERFORD, Jonathan . **Identity: community, culture, difference**. Lawrence & Wishart, 1990.

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa. **Projeto de Lei n.º 1.174**, de 16 de outubro de 2019. Confere a profissionais do sexo feminino a exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na Educação Infantil e traz outras providências. Disponível em:
<https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000292074#:~:text=Confere%20a%20profissionais%20do%20sexo,com%20crian%C3%A7as%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil>. Acesso em 20 de. 2022.

SAYÃO, Deborah Thomé. Relações de gênero na creche: os homens no cuidado e educação das crianças pequenas. **G.T Educação das crianças de 0 a 6 anos -G.T. 07**. Santa Catarina: UFSC, 2002. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/6740846/o-papel-positivo-do-homem-na-educacao-das-criancas>. Acesso em: 11 de mai. 2023.

SCHETTINI, Suzana Sofia Moeller.; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Famílias adotivas: identidade e diferença. **Psicologia em estudo**, v. 11, p. 285-293, 2006. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pe/a/jwzdcW4n8Wj3GCN7tvZrykh/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 11 de mai. 2023.

SILVA, Alexandre da; CASTRO-SILVA, Carlos Roberto; MOURA, Ludmila de. Pesquisa qualitativa em saúde: percursos e percalços da formação para pesquisadores iniciantes. **Saúde e Sociedade**, v. 27, p. 632-645, 2018. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/XZh9NzxWmDrbV7HD9wS4Yxp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 de mai. 2023.

SILVA, Renan Mota; VASCONCELOS, Tatiane da Rosa; PINHEIRO, Silva Pinheiro. Sexualidade e Gênero: possibilidades para pensar a prática de professores homens na educação infantil. **Revista Científica Gênero na Amazônia**, n. 21, p. 109-120, 2022. Disponível em:
<https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13363>. Acesso em: 11 de mai. 2023.

SOUSA, Luana Passos de., GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**. São Paulo, 2016. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S0103-40142016.30870008>. Acesso em: 21 ago. 2022.

SOUZA, Rayffi Gumercindo Pereira de; CAMPOS, Kátia Patrício Benevides; CARVALHO, Maria

Eulina Pessoa. Homens na educação infantil: gênero como marcador da condição docente.

Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, v. 9, n. 20, p. 123-138, 2022.

Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/persdia/article/view/15010>. Acesso em: 7 jan. 2023.

TADEU, Tomaz da Silva. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Autêntica, 2016.

TADEU, Tomaz da Silva. Identidade e diferença: impertinências. **Educação & Sociedade**, v. 23, p. 65-66, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300005>. Acesso em: 1 jun. 2023.

TATAGIBA, Ana Paula. Concepções de educação da infância na revista Brasil Jovem (1966- 1978). Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 30, p. 10-26, 2008. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5140/art02_30.pdf. Acesso em: 1 fev. 2023.

TEODORO, Luciano Gonçalves. O gênero masculino na docência da educação infantil: a convivência com professoras e diretoras face ao trabalho pedagógico. In: **XI Seminário Internacional De La Redestrado**. Cancún, 2016. Disponível em: http://redeestrado.org/xi_seminario/pdfs/eixo8/298.pdf. Acesso em: 7 jan. 2023.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, Silvio José Lemos; JAEGER, Antonio; PARENTE, Maria Alice; HUTZ, Cláudio Simon. A psicologia evolucionista e os domínios da cognição social. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 25, p. 434-439, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000300018>. Acesso em: 18 set. 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. Nietzsche e Wittgenstein: alavancas para pensar a diferença e a pedagogia. In: GALLO, S.; SOUZA, M. R. (Org.). **Educação do preconceito: ensaios sobre poder e resistência**. Campinas, Editora Alínea, 2004.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos pagu**, p. 81-103, 2002.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/hQFDykQmWnPvj4TYTWYmKZb/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 13 ago. 2022.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, v. 15, p. 7-72, 2000. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4284077/mod_resource/content/1/cap%3%aditulo%20i%20-%20woodward%20-%20identidade-e-diferenca-uma-introducao-teorica-e-conceitual.pdf. Acesso em: 7 jan. 2023.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Appris, 2018.